



Alea: Estudos Neolatinos

ISSN: 1517-106X

alea@letras.ufrj.br

Universidade Federal do Rio de Janeiro  
Brasil

Barbosa de Melo, Alfredo César

Pressupostos, salvo engano, de uma divergência silenciosa: Antonio Candido, Roberto Schwarz e a modernidade brasileira

Alea: Estudos Neolatinos, vol. 16, núm. 2, julho-diciembre, 2014, pp. 403-420

Universidade Federal do Rio de Janeiro  
Rio de Janeiro, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=33032208010>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica  
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal  
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

PRESSUPOSTOS, SALVO ENGANO,  
DE UMA DIVERGÊNCIA SILENCIOSA:  
ANTONIO CANDIDO, ROBERTO SCHWARZ  
E A MODERNIDADE BRASILEIRA

*PRESSUPOSITIONS, UNLESS OTHERWISE NOTED,  
OF A SILENT DISAGREEMENT: ANTONIO CANDIDO,  
ROBERTO SCHWARZ AND BRAZILIAN MODERNITY*

Alfredo César Barbosa de Melo

Universidade Estadual de Campinas  
Campinas, SP, Brasil

**Resumo**

Os nomes de Antonio Candido e Roberto Schwarz são comumente associados por compartilharem um mesmo instrumental crítico-metodológico. Neste artigo, pretendo analisar as tensões e discontinuidades, frequentemente silenciadas, entre os projetos intelectuais de Candido e Schwarz. Argumento que suas visões da modernidade brasileira são substancialmente divergentes. Enquanto Candido exibe um otimismo em relação às potencialidades transformadoras do povo brasileiro, Schwarz apresenta um diagnóstico bastante pessimista sobre a (de)formação social do Brasil. Analiso como essas interpretações divergentes sustentam o projeto crítico-historiográfico de ambos autores.

**Abstract**

Due to the sharing of the same critical-methodological apparatus, the names of Antonio Candido and Roberto Schwarz are commonly associated. In this article, I intend to examine the tensions and discontinuities, frequently omitted, between those two intellectual projects. I argue that their views on Brazilian modernity are substantially divergent. Whereas Candido exhibits an optimistic tone vis-à-vis the transforming potentialities of the Brazilian people, Schwarz presents a more pessimistic interpretation about the Brazilian social (de)for-

**Résumé**

En raison du partage du meme appareil critique-méthologique, les noms d'Antonio Candido et de Roberto Schwarz sont généralement associés l'un à l'autre. Dans cet article, j'ai l'intention d'examiner les tensions et les discontinuités, souvent omises, entre ces deux projets intellectuels. Mon argumentation défend que leurs points de vue sur la modernité brésilienne sont essentiellement divergents. Tandis que Candido montre un ton optimiste vis-à-vis des potentialités de transformation du peuple brésilien, Schwarz présente une interpréta-

**Palavras-chave:** Antonio Candido; Roberto Schwarz; modernidade; crítica brasileira.

**Keywords:** Antonio Candido; Roberto Schwarz; modernity; Brazilian criticism.

**Mots-clés:** Antonio Candido; Roberto Schwarz; modernité; critique brésilienne.

mation. I analyze how these divergent interpretations support the critical-historiographic project of these two authors.

tion plus pessimiste au sujet de la (dé)formation social brésilienne. J'analyse comment ces interprétations divergentes soutiennent le projet critic-historiographique de ces deux auteurs.

Antonio Candido e Roberto Schwarz compartilham do mesmo método de crítica literária – aquele que procura apreender as intrincadas relações entre forma literária e processo social,<sup>1</sup> e por isso, seus nomes costumam ser associados. Foi Antonio Candido que, na década de 1960, delineou o programa de estudo e a metodologia dessa vertente crítica, inicialmente numa comunicação ao II Congresso de Crítica e História Literária, realizado em Assis, em junho de 1961, e depois publicada em *Literatura e sociedade*, em 1965.<sup>2</sup> Embora Candido tenha orientado inúmeros discípulos de incontestável protagonismo no meio intelectual brasileiro – como Walnice Nogueira Galvão, Davi Arrigucci, João Luiz Lafetá, José Miguel Wisnik e tantos outros –, foi Roberto Schwarz aquele que se tornou o mais conhecido herdeiro, talvez por ter sido o que mais tenha procurado radicalizar o programa delineado por Candido. Foi Roberto Schwarz o discípulo de Candido que mais refletiu sobre as implicações e consequências teóricas do método da “redução estrutural”.<sup>3</sup> Método este que analisa o processo com-

<sup>1</sup> Tome-se como exemplo os estudos de Paulo Arantes (ARANTES, Paulo. *O sentimento da dialética: Dialética e dualidade segundo Antonio Candido e Roberto Schwarz*. São Paulo: Paz e Terra, 1992) e Leopoldo Waizbort (WAIZBORT, Leopoldo. *A passagem do três ao um: crítica literária, sociologia, filologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2007), que reforçam, cada um a sua maneira, a identidade metodológica entre os dois críticos.

<sup>2</sup> Em entrevista, Roberto Schwarz fala da importância desse congresso na construção desse programa de estudos: “Nesse mesmo ano, houve um congresso de crítica em Assis, no qual o Antonio Candido fez uma comunicação que para mim foi decisiva. Nela, ele anunciava mais ou menos o programa crítico da fase dele posterior à *Formação da literatura brasileira*. A comunicação foi publicada em *Literatura e sociedade*, com o título “Crítica e Sociologia” (BARROS E SILVA, Fernando. “Fora do lugar comum” *Folha de S. Paulo*, 1 de junho de 1999, Caderno Mais!: 7)

<sup>3</sup> Além do famoso artigo sobre a “Dialética da malandragem” (SCHWARZ, Roberto. “Pressupostos, salvo engano, da ‘Dialética da Malandragem’”. *Que horas são?* São Paulo: Companhia das Letras, 1989: 129-156), Roberto Schwarz também fez estudos detalhados sobre ensaios como “De cortiço a cortiço” e a obra principal de Candido, *Formação da literatura brasileira*, como se pode ver nos artigos “Adequação nacional e originalidade crítica” e “Sobre *Formação da literatura brasileira*”, ambos publicados em SCHWARZ, Roberto. *Sequências brasileiras: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

plexo de estruturação da obra literária, isto é, questiona como o fator extraliterário se transforma em elemento “interno” do texto, estruturando assim a obra literária. Em decorrência das evidentes afinidades metodológicas, as divergências ideológicas entre eles acabam sendo ofuscadas. Nesse artigo, tento mostrar como as visões da modernidade brasileira dos dois críticos são substancialmente diferentes. As dissonâncias, no entanto, nunca são abertas, estando quase todas elas latentes. Nosso objetivo, portanto, é tentar explicitar o implícito dessas divergências.

Meu ponto-de-partida será a comparação de trechos bastante significativos dos prefácios de *Formação da literatura brasileira* e *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*, as obras de maior fôlego teórico e representativas de, respectivamente, Candido e Schwarz. São trechos significativos pois nestes prefácios Candido e Schwarz revelam as dívidas que contraíram nos seus princípios formativos. Aqui segue o trecho de *Formação*:

Desejo, aqui, mencionar um tipo especial de dívida em relação a duas obras bastante superadas, que paradoxalmente, pouco ou nada utilizei, mas devem estar na base de muitos pontos de vista, lidas que foram repetidamente na infância e na adolescência. Primeiro, a *História da literatura brasileira* de Silvio Romero, cuja lombada vermelha, na edição Garnier de 1902, foi bem cedo uma das minhas fascinações na estante paterna, tendo sido dos livros que mais consultei entre os dez e quinze anos, à busca de excertos, dados biográficos e os saborosos julgamentos do autor. Nele estão, provavelmente, as raízes do meu interesse pelas nossas letras.<sup>\*4</sup>

Eis o trecho do prefácio de *Um mestre na periferia do capitalismo*:

Devo uma nota especial a Antonio Candido, de cujos livros e pontos de vista me impregnei muito, o que as notas de pé-de-página não têm como refletir.\*

Os dois trechos são importantes pois revelam o inconsciente teórico dos respectivos autores. Schwarz está impregnado de pontos de vista de Candido, enquanto este confessa haver internalizado inúmeros *insights* de Silvio Romero. Além de mostrar essa dimensão inconsciente das influências de um autor sobre o outro, os trechos são também úteis pois oferecem subsídios para a montagem de uma genealogia do campo da crítica literária de inspiração histó-

\* (CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 7. ed. 1. v. Belo Horizonte: Itatiaia, 1997: 11.)

\* (SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo*. São Paulo: Duas Cidades, 1990: 13.)

<sup>4</sup> O segundo autor mencionado no parágrafo é Ronald de Carvalho e a sua *Pequena história da literatura brasileira* (1919).

rico-sociológica. Podemos ver nesses prefácios uma clara linhagem de predecessor, fundador e discípulo. A análise dessa genealogia se faz necessária, pois ajuda a elucidar com maior precisão a natureza do elo que une Schwarz a Candido. Vejamos, primeiramente, a fim de criarmos um termo de comparação, a maneira como Candido estabelece sua posição em relação a Sílvio Romero.

Sílvio Romero talvez tenha sido pouco utilizado na elaboração de *Formação da literatura brasileira*, mas certamente desempenhou papel central em outra formação, a do próprio Antonio Candido. Um papel que não se resumiu às consultas do adolescente Antonio Candido na biblioteca paterna em Poços de Caldas, uma vez que a obra crítica de Sílvio Romero foi o objeto de estudo sistemático por parte de Candido no início de sua carreira acadêmica, quando escreveu, em 1945, sua tese de livre-docência intitulada *O método crítico de Sílvio Romero*. No verbete que escreveu sobre Antonio Candido para o *Diccionario enciclopédico de las letras de América Latina*, Roberto Schwarz faz um bom resumo da tese:

*O método crítico de Sílvio Romero*, tese universitária defendida em 1945, expõe e discute a obra do importante e rebarbativo historiador naturalista das letras brasileiras. O debate gira em torno da explicação da literatura por fatores extraliterários. Trata-se de estabelecer a parte que devem ter na crítica as considerações internas, de composição artística, e as externas, de condicionamento social e psicológico, preferidas por Sílvio. Em lugar de debater a alternativa genérica entre estudos de contextos e estudos de forma, diretamente nos termos da discussão e da bibliografia internacional a respeito, Antonio Candido prefere colher o problema na sua feição local, exposta nos impasses metodológicos do predecessor.\*

\* (SCHWARZ, Roberto. *Diccionario enciclopédico de las letras de América Latina*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1990: 45.)

Como ressalta Schwarz, o ponto de partida de Candido está no estudo minucioso dos impasses metodológicos do predecessor. Ao examinar os limites de Romero, Candido sugere outros encaminhamentos para a crítica literária de inspiração sociológica, que têm a ver com uma análise das mediações entre literatura e sociedade que respeite a integridade da obra literária e rechace qualquer uso conteudista ou documental da literatura. Candido põe em movimento uma dialética de continuidade e ruptura diante da figura de Romero. Há uma dimensão de continuidade, uma vez que Candido se posiciona na mesma trincheira de Romero, ao endossar a crítica literária que se interesse pelas relações entre literatura e sociedade. Por outro lado, há uma clara ruptura, pois Candido coloca os termos da discussão num outro nível, incorporando as técnicas

do *New Criticism* que identificavam no texto a instância primordial de análise. A tese de Candido é um grande ajuste de contas com a figura central de seu campo. O autor de *Formação* estuda as limitações de Romero, constata a inadequação de sua moldura teórica e aponta para um outro caminho a ser trilhado pela crítica sociológica. Candido supera Romero, dando um salto qualitativo na disciplina. Desse modo, Candido mata o atrasado pai Silvio para assumir assim a chefia da família dos críticos de orientação histórico-sociológica.

Roberto Schwarz, por sua vez, não comete nenhum parricídio simbólico. Pelo contrário, há um grande respeito pela figura do patriarca Candido. E aqui nesse ponto é importante matizar a diferença entre as dinâmicas intelectuais geradas pela desconstrução de Romero, empreendida por Candido, e aquela criada pela relação entre Schwarz e Candido. Silvio Romero morreu em 1914, quatro anos antes de Candido nascer. O espírito firme e impetuoso do jovem Candido ao se confrontar com uma figura central de seu campo intelectual deve ser compreendido, portanto, como um investimento que só foi possível de ser realizado com certa fluidez e facilidade porque aconteceu meramente no plano abstrato das ideias. O mesmo não pode ser dito da relação entre Candido e Schwarz, já que os dois não apenas se conheciam, como havia uma relação de ascendência funcional e intelectual de um sobre o outro.

No final da década de 1950, Schwarz procura Candido para externar sua insatisfação com as Ciências Sociais, e comunicar o seu desejo de continuar sua trajetória acadêmica como crítico literário. Fica decidido que Schwarz faria um mestrado em literatura comparada no exterior e que depois regressaria para ser assistente de Antonio Candido na USP.<sup>5</sup> Com a radicalização da ditadura militar, Schwarz se exila na França, onde faz seu doutorado. Candido também desempenha um papel fundamental no retorno de Schwarz ao Brasil, já que o próprio havia assumido a direção do

---

<sup>5</sup> Testemunho de Roberto Schwarz sobre sua transição das Ciências Sociais para a crítica literária: “Comecei a ficar abatido com o lado empírico da pesquisa sociológica, os levantamentos e as tabulações não eram comigo. A essa altura, Antonio Candido passara da sociologia para as letras, e estava ensinando literatura brasileira em Assis. Ruminei o exemplo e fui até lá, me queixar da vida e pedir conselho, pois gostava mesmo é de literatura. Ficou mais ou menos combinado que quando eu terminasse o curso faria um mestrado em literatura comparada no exterior e depois iria trabalhar com ele na USP” (SCHWARZ, Roberto. *Martinha versus Lucrecia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012: 284).

Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp, e estava montando a equipe de professores.<sup>6</sup> A presença de Antonio Candido na carreira de Roberto Schwarz é decisiva em vários momentos, a ponto de tal ascendência certamente gerar constrangimentos que impedissem Schwarz de enfrentar o mestre com a mesma desenvoltura que Candido pôde fazer em relação a Romero. Tal constrangimento é evidente também no caso dos outros discípulos, como se pode notar, por exemplo, nos volumes de homenagem a Candido, repletos de testemunhos de seus antigos alunos, quase todos eles revestidos de uma retórica típica das “vidas exemplares”, na qual são louvados o crítico erudito e inigualável, o professor didático e exigente, o militante político compromissado com a democracia e o socialismo, enfim, o homem íntegro e urbano.<sup>7</sup> É claro que num contexto institucional em que Antonio Candido assume uma dimensão de poder, as críticas ao mestre tendem a ser mais escassas.<sup>8</sup>

Voltemos ao caso de Schwarz para esmiuçar esse entrave da dialética. O debate necessita de uma maior especificação. Não se trata de sugerir que a dialética está ausente nos textos de Schwarz sobre Candido. O autor de *Formação da literatura brasileira* é representado nesses textos como *agente* ou *sujeito* da dialética. É ele quem

<sup>6</sup> Vejamos as palavras do próprio Candido: “Formei o grupo de teoria literária com especialistas que já haviam sido meus alunos. Eu quis apenas mestres e doutores que fossem especializados em teoria literária, de maneira que eu estava trabalhando em casa. É uma coisa rara a gente poder trabalhar com uma equipe que, de uma certa maneira, é a sua equipe. Isso, para mim, foi uma experiência única” (GOMES, Eustáquio. “Foi uma experiência única”. Entrevista de Antonio Candido. *Jornal da Unicamp*, Campinas, 4 de dezembro de 2006: 7). Para um estudo mais minucioso sobre a participação de Candido no processo de fundação do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp, cf. RAMASSOTE, Rodrigo Martins. *A formação dos desconfiados: Antonio Candido e a crítica literária acadêmica (1961-1978)*. Dissertação de mestrado. Departamento de Antropologia. Unicamp, 2006.

<sup>7</sup> Para os volumes de homenagem a Candido, cf. LAFER, Celso (org.) *Esboço de figura*. São Paulo: Duas Cidades, 1979; D’INCAO, Maria; SCARABÓTOLO, Eloísa. *Dentro do Texto, dentro da vida*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992; AGUIAR, Flávio. *Antonio Candido: pensamento e militância*. São Paulo: Perseu Abramo, 1999.

<sup>8</sup> Sobre a figura de poder de Candido (poder entendido não na seu sentido trivial de coerção ou repressão, mas na sua acepção positiva e produtiva), não existe melhor evidência que o prefácio de Walnice Nogueira Galvão a publicação em livro de sua tese de doutoramento: “Agradecimento especial devo a Antonio Candido, de quem fui aluna e depois assistente, e que é, para mim, para sempre, *mestre e chefe*” (GALVÃO, Walnice Nogueira. *As formas do falso*. São Paulo: Perspectiva, 1986: 14, ênfase minha)

sintetiza forças contrárias em seu campo intelectual. Por exemplo, Candido consegue incorporar *close reading* do *New Criticism* com análise sociológica refinada; prosa de ensaio de sabor modernista com formação universitária sistemática, etc. Como agente da dialética, Candido está sempre levando o campo da sua disciplina a avançar na medida em que supera os impasses e entraves causados pelos antagonismos anteriores à sua presença no campo. Candido seria assim um mestre da sublação dialética (*Aufhebung*): ao mesmo tempo que “nega” seu campo, isto é, denuncia suas limitações; preserva suas forças vitais. Nesse jogo entre negação e preservação, a disciplina avança. No entanto, Candido raramente aparece nos textos de Schwarz como *objeto* da análise dialética. Em nenhum estudo seu, Schwarz examina as contradições e descontinuidades da obra de Candido da maneira sistemática e cuidadosa como investiga as fraturas ideológicas das obras de Cyro dos Anjos, Augusto de Campos e Caetano Veloso. Seria enganoso pensar que apenas os adversários ideológicos de Schwarz seriam submetidos a esse crivo da dialética. Afinal, Schwarz reserva ao teatro épico de Berthold Brecht uma avaliação dialética rigorosa. Vale a pena lembrar que Brecht também aparece reconhecido no prefácio de *Um mestre na periferia do capitalismo*, como “parte de uma tradição – contraditória – formada por Lukács, Benjamin, Brecht e Adorno”\* sem a qual o “trabalho [de Roberto Schwarz] seria impensável”.\* Isso não impede, no entanto, de Schwarz iniciar sua abordagem num estudo sobre Brecht em *Sequências brasileiras* indagando o que havia de datado e irrelevante na obra do dramaturgo alemão para os dias atuais: “Quero começar explicando o ponto de vista segundo o qual Brecht não tem atualidade nenhuma”.\* Schwarz justifica o procedimento alegando que Brecht, por ser ele próprio um dramaturgo dialético, “talvez aprovasse esse encaminhamento da discussão”.\* Como se pode ler nos textos que Schwarz escreveu sobre Antonio Candido, a falta de atualidade do mestre nunca serve de ponto de partida heurístico para Schwarz.

Não é que faltassem matérias nas quais Candido e Schwarz pudessem divergir. A divergência, no entanto, nunca chegou a ser explicitada em artigos polêmicos. Schwarz nunca faz um ajuste de contas com o predecessor, da maneira como Candido fez com Romero – procedimento este extremamente bem avaliado por Schwarz. Um bom exemplo de matéria divergente seria o caso de Machado de Assis. Em 1968, Antonio Candido profere a pales-

\* (SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo*, op. cit.: 13.)

\* (*Ibidem*: 13.)

\* (SCHWARZ, Roberto. *Sequências brasileiras: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997: 113.)

\* (*Ibidem*: *idem*.)



tra “Esquema de Machado de Assis”, depois publicada em *Vários escritos*, na qual o crítico faz uma leitura do principal romancista brasileiro em chave universalista. São constantes as comparações que Candido faz entre Machado e os grandes nomes da literatura dita universal: Voltaire, Kafka, Gide, Conrad, Proust, Camus e Sartre. Os temas estudados por Candido na ficção machadiana são todos eles universais, filosofantes e abstratos: a relação entre o fato real e o fato imaginado; o problema da divisão do ser e do desdobramento da personalidade; a validade da ação e de sua relação com o intuito que a sustem; a transformação do homem em objeto do próprio homem. Todas essas questões são debatidas no artigo com vistas a descrever o escritor de inequívoca estatura internacional, capaz de ombrear com os grandes nomes da literatura considerada universal.\* Embora Roberto Schwarz cite este artigo em algumas notas de pé-de-página, em nenhum momento chega a enfrentar criticamente o texto de Candido. Schwarz se refere ao artigo apenas para indicar uma história da fortuna crítica machadiana durante o século 20 brasileiro, já que, no início da palestra, Candido oferece um sucinto balanço da recepção machadiana no decorrer das primeiras décadas do século 20, além de decorrer sobre algumas dimensões empíricas da vida intelectual de Machado de Assis (como presidente de Academia Brasileira de Letras).

Trata-se de um silêncio intrigante, afinal, Schwarz estuda Machado de Assis desde os inícios dos anos 1960, questionando a visão universalista de Machado e mostrando o quanto a forma literária do romance machadiano, sobretudo *Memórias póstumas de Brás Cubas*, marcado pela volubilidade do narrador, articula uma constelação ideológica muito própria de um país periférico como o Brasil. Também é intrigante constatar que Roberto Schwarz entra numa polêmica com Michael Wood, em seu texto “Leituras em competição”, refutando a chave universalista do professor da Universidade de Princeton – que colocava Machado no panteão dos grandes escritores da literatura mundial –, sem mencionar o posicionamento de Candido na questão, que é muito anterior ao de Wood. É importante ressaltar que não faço aqui juízo de valor sobre que tipo de abordagem – a internacionalista de Candido ou a nacional de Schwarz – daria melhor rendimento para uma leitura de Machado de Assis. Apenas indico que a discordância *implícita* acerca do valor de Machado de Assis nunca se *explicitou*.

\* (CANDIDO, Antonio. “Esquema de Machado de Assis”. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 2004.)

Se até esse momento, fiz referência a conflitos latentes entre Candido e Schwarz, é necessário notar que há um momento de dissonância claro entre mestre e o discípulo: trata-se do texto que Schwarz escreveu para resenhar “Dialética da malandragem”. O título do artigo-resenha, “Pressupostos, salvo engano, de ‘Dialética da malandragem’” é bastante significativo, pois mostra a busca dos fundamentos epistemológicos e ideológicos da crítica dialética levada a cabo por Candido em seu estudo do romance *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antonio de Almeida. O artigo-resenha é substancialmente elogioso. Mais uma vez, a crítica literária de Candido é considerada exemplar. Schwarz avalia “Dialética da malandragem” como o primeiro produto bem acabado da crítica dialética brasileira, isto é, um estudo que consegue apreender de maneira exigente o entrelaçamento sutil entre processo literário e forma literária.

Num certo momento da resenha, no entanto, Schwarz faz reparo à noção de malandragem no texto de Candido. A dialética da malandragem, isto é, a dialética da ordem e da desordem, está associada, no artigo de Candido, ao mundo fluído, aberto e sem culpa da sociabilidade dos brasileiros das camadas sociais mais baixas. Ao comentar o romance *Letra escarlate*, de Hawthorne, Candido faz um contraponto à sociabilidade rígida e sisuda dos puritanos estadunidenses – cheia de policiamentos internos (o sentimento de culpa) e externos (a aplicação severa da lei). Contra a ética da culpa e da repressão puritana, associada no texto ao capitalismo, o Brasil ofereceria a malandragem das classes subalternas. Escrito na época da ditadura militar, o elogio à malandragem tentava fincar posição contra o espírito capitalista do Norte. Schwarz enxergava nesse conflito “malandragem x puritanismo” uma dicotomia moldada pelo culturalismo. A visão culturalista estava nos antípodas do marxismo, que, por sua vez, identificava nos movimentos do capital, e não nos traços culturais das nações, a chave para interpretar a história. Para demonstrar os problemas com a argumentação culturalista, Schwarz chega sugerir que a ditadura militar brasileira “com seus interesses clandestinos em faixa própria, sem definição de responsabilidade”,\* atuando a favor da modernização conservadora também participava da dialética entre a ordem e a desordem: a ditadura era “malandra” e “capitalista” ao mesmo tempo.

O reparo feito por Schwarz é discreto, e não impede que retome na resenha a voltagem elogiosa ao artigo de Candido, indi-

\* (SCHWARZ, Roberto. “Pressupostos, salvo engano, de ‘Dialética da malandragem’”. *Que horas são?* São Paulo: Companhia das Letras, 1989: 154.)

cando todas as suas dimensões inovadoras. No entanto, ainda que o tom elogioso seja restaurado, Schwarz tenta, até o final da resenha, digerir a dicção culturalista no argumento de Candido, agora apontando sua faceta positiva. Afinal, aquilo que Schwarz mostrava não deixava de ser um dado por demais intrigante: como pode o primeiro exemplo real de crítica dialética entre nós ser tributário do culturalismo? A tensão existente na resenha de Schwarz parecia reproduzir, de maneira compactada, a própria disputa na sociologia paulista no seu período formativo, protagonizada por Florestan Fernandes e Antonio Candido.<sup>9</sup>

Afinal, em “Dialética da malandragem”, Candido, nas palavras certas de José Miguel Wisnik, “introduz no paradigma uspiano um inusual elogio das peculiaridades brasileiras natas”.<sup>\*</sup> Seria bom lembrar que o artigo-resenha de Schwarz inicia com a frase: “Em literatura, o básico da *crítica marxista* está na dialética de forma literária e processo social”.<sup>\*</sup> Para depois anunciar que finalmente um análise dialética havia sido realizada entre os brasileiros: “Dialética da malandragem”, “o primeiro estudo literário propriamente dialético [publicado no Brasil]”.<sup>\*</sup> A associação com o marxismo – que, segundo Schwarz, servia de inspiração para Candido – está sugerida na primeira linha do artigo. No entanto, no meio do caminho havia a pedra culturalista. Depois do reparo feito ao mestre, Schwarz adota uma lógica da reversibilidade, ironicamente muito próxima daquela exposta por Candido em “Dialética da malandragem”. Para Schwarz, num mundo onde o marxismo contemporâneo se tornou funcionalista “quando não é ideologia de Estado ou religião”,<sup>\*</sup> seria “natural que a melhor peça da crítica dialética brasileira est[ivesse] vazada numa terminologia e mesmo noções de outra órbita”.<sup>\*</sup> Se o marxismo virou funcionalismo, nada impede que culturalismo possa se tornar dialético. Se Leonardo Pataca oscila entre os polos da ordem e da desordem para, ao final, se conciliar com a ordem, Schwarz oscila entre os polos do elogio e do reparo para terminar o artigo conciliado com o elogio e a lógica das reversibilidades brasileiras, segundo as quais crítica de cunho marxista e culturalismo poderiam andar juntos.

\* (WISNIK, José Miguel. *Veneno remédio: o futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008: 424.)

\* (SCHWARZ, Roberto. “Pressupostos, salvo engano, de ‘Dialética da malandragem’”. *Que horas são?*, op. cit.: 129.)

\* (*Ibidem: idem*, ênfase minha.)

\* (*Ibidem*: 154.)

\* (*Ibidem: idem*.)

<sup>9</sup> Para um estudo detalhado sobre a tensão entre ensaísmo e Ciências Sociais dentro da USP, cf. JACKSON, Luiz Carlos. “Tensões e disputas na sociologia paulista (1940-1970)” *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, vol. 22, n. 65, 2007: 33-49.

Anos depois do combate ao impressionismo do ensaísmo de Gilberto Freyre, Paulo Prado e Sergio Buarque, a ideologia do caráter nacional voltava na pena de uma ensaísta que havia passado pelo crivo uspiano da pesquisa empírica e do engajamento político no campo de esquerda. Tratava-se, é certo, de uma ideologia do caráter nacional pelas vias populares. A visão de Brasil de Candido guarda um parentesco com a de Freyre, no apreço pela porosidade social, pela tolerância racial e pelo mundo sem culpa e hedonista. É necessário lembrar que, em uma entrevista de 2001 a Heloísa Pontes, Candido confessa que *Casa-grande e senzala* é o livro que gostaria de ter escrito.<sup>10</sup> Há muito de Freyre em sua visão de Brasil, ainda que se trate de um Freyre radicalmente desaristocratizado.

O reparo tímido de Schwarz nos deixa entrever uma diferença nítida entre ele e o mestre Candido: suas diferentes visões de Brasil. Novamente, estamos num terreno de pressupostos ocultos, de divergências tácitas que nunca são explicitadas, de interpretações sociais que nunca chegam a ser confrontadas num debate mais aberto de ideias.

É possível ver em Candido um socialista otimista, que deposita imensa fé nas potencialidades do povo – sempre tão melhor que sua elite. Em Schwarz, há o pessimismo frankfurtiano, isto é, um socialismo já sem redenção e a certeza que o Brasil só integra à modernidade pelas portas do fundo. Tentarei, a seguir, tirar as consequências desses dois posicionamentos – do socialista otimista e confiante no povo e do esquerdista frankfurtiano certo da inviabilidade do Brasil, em razão da desfaçatez de suas elites – no que concerne às visões dissonantes que os autores têm do Brasil.

## O confronto entre duas dialéticas

As diferentes visões do Brasil confeccionadas por Candido e Schwarz podem ser extraídas daqueles estudos que são considerados os mais exemplares do ponto de vista metodológico: “Dialética da malandragem”, de Antonio Candido, e o estudo de Roberto

---

<sup>10</sup> Analisando o impacto de *Casa-grande e senzala* em sua vida intelectual, Candido rememora uma conversa com seu amigo Décio de Almeida Prado: “Numa de nossas conversas, Décio me perguntou: ‘Se você fosse escritor, gostaria de escrever um romance ou um ensaio?’[...] Respondi sem hesitar: ‘Um ensaio’. E informei que o livro que gostaria de ter escrito era *Casa-grande e senzala*” (PONTES, Heloisa. “Entrevista com Antonio Candido. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 16, n. 47, 2001: 8-9).

Schwarz sobre *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, do qual deriva a ideia de uma “dialética da volubilidade” para explicar as ações do narrador-personagem do romance.

Primeiramente, é importante destacar as semelhanças estruturais compartilhadas por “Dialética da malandragem” e a Dialética da Volubilidade. Enquanto Antonio Candido argumenta que *Memórias de um sargento de milícias* se estrutura a partir de uma oscilação entre os pólos da *ordem* e da *desordem* (expressões bem buarquianas), Schwarz encontra na prosa machadiana um vaivém entre *norma* e *infração*. A similaridade entre os termos é evidente: a norma garante a ordem; a infração da norma gera desordem. Se a crítica materialista tem como pressuposto o exame da *forma* – que tanto organizaria a vida social como o texto literário –, pode-se dizer que Candido e Schwarz apreenderam dos romances analisados uma arquitetura formal incrivelmente similar.

Se o vaivém entre norma (ordem) e transgressão (desordem) dão ritmo à prosa de Manuel Antonio de Almeida e Machado de Assis, as configurações finais de tais movimentos, detidamente estudadas por Candido e Schwarz, não poderiam ser mais díspares. De acordo com a crítica literária de inspiração sociológica, o romance *imita* e *registra* a dinâmica da vida social brasileira. O que se pode concluir a partir da leitura de “Dialética da malandragem” e *Um mestre na periferia do capitalismo* é que os dois estudos apontam para interpretações bastante divergentes dessa referida dinâmica social.

Vejamos o caso de Roberto Schwarz. Em *Um mestre na periferia do capitalismo*, Schwarz esquadrinha o tipo social a que a prosa machadiana de segunda fase correspondia – o grande proprietário de terras e escravos, atualizado com o discurso da modernidade –, dedicando em seu estudo um capítulo sobre a matriz prática da vida ideológica brasileira que o tornava possível. Schwarz observa que:

[As elites] se queriam parte do Ocidente progressista e culto, naquela altura já francamente burguês (a norma), sem prejuízo de serem, na prática, e com igual autenticidade, membro beneficiário do último ou penúltimo grande sistema escravocrata do mesmo Ocidente (a infração). Ora, haveria problema em figuras simultâneas como escravista e indivíduo esclarecido? Para quem cuidasse da coerência moral, a contradição seria embaraçosa.\*

\* (SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo*, op. cit.: 42.)

A retórica iluminista coexistia com a participação na gestão do regime escravagista. O imbricamento entre liberalismo e escravidão, que em outros quadrantes do planeta pareceria uma flagrante

contradição, no Brasil, era o fator constitutivo da sociedade brasileira e sua inserção no mundo contemporâneo. Schwarz cita um trecho de um discurso parlamentar de Bernardo Pereira de Vasconcelos no qual o nexos entre sociabilidades aparentemente díspares se mostra o verdadeiro sustentáculo do país:

Sim, a civilização brasileira de lá veio [da África], porque daquele continente veio o trabalhador robusto, o único que sob este céu [...] poderia ter produzido, como produziu, as riquezas que proporcionaram a nossos pais recursos para mandar seus filhos estudar nas academias e universidades da Europa, ali adquirirem os conhecimentos de todos os ramos do saber, os princípios da Filosofia do Direito, em geral, e do Direito Público Constitucional, que impulsionaram e apressaram a Independência e presidiram à organização consagrada na Constituição e noutras leis orgânicas, ao mesmo tempo fortalecendo a liberdade.\*

\* (*Ibidem*: 42-43.)

A escravidão fornece as condições de possibilidade para o liberalismo brasileiro. O entrelaçamento entre norma e infração, ordem e desordem, civilização e barbárie é tão grande que já não é possível distinguir uma da outra. A prosa machadiana examina essa configuração heterogênea de ideologias e práticas sociais para escarnecê-las, denunciando assim as profundas ligações entre a imensa desigualdade de uma sociedade como a brasileira e sua inserção no mundo moderno (capitalista).

Outra dicção será a do romance de Manuel Antonio de Almeida, pelo menos do modo como é interpretado por Antonio Candido, ainda que a porosidade entre as esferas entre ordem e desordem seja a mesma. No romance, essa reversibilidade entre pólos tão opostos ganha uma outra valência. Vejamos o trecho do estudo de Candido:

Este traço [o da reversibilidade] dá o sentido profundo do livro e do seu balanceio caprichoso entre ordem e desordem. Tudo se arregla então num plano mais significativo que o das normas convencionais; e nós lembramos que o bom, o excelente padrinho, se “arranjou” na vida perjurando, traindo a palavra dada a um moribundo, roubando aos herdeiros o ouro que o mesmo lhe confiara. Mas este ouro não serviu para ele se tornar um cidadão honesto e, sobretudo, prover Leonardo? “Tutto nel mondo è burla”.\*

\* (CANDIDO, Antonio. “Dialética da malandragem”. *O discurso e a cidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1998: 44.)

A analogia se faz necessária: o instituto ignominioso da escravidão (infração) é o fundamento de nosso liberalismo (norma); do mesmo modo como o mal feito do padrinho (infração) é a condição imprescindível para o seu estabelecimento como cidadão honesto,

respeitado e prestativo (ordem). No romance de Manuel Antonio de Almeida, no entanto, a coexistência entre norma e infração é vista e representada de maneira menos corrosiva, como se a própria fluidez do entrecho romanesco tratasse de aplainar as arestas criadas por esse movimento de oscilação entre a ordem e a desordem, a norma e sua infração.

É preciso retomar nosso caminho analítico. A questão que tento levantar aqui não é relativa à comparação entre *Memórias de um sargento de milícias* e *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Qualquer teórico da literatura diria que os romances constroem mundos ficcionais autônomos, robustos e coesos, com economias de representação bastante diferentes, o que explica que a oscilação entre ordem e desordem nos respectivos romances ganhe distintos contornos ideológicos. O que me interessa neste artigo é investigar como Antonio Candido e Roberto Schwarz tomam tais narrativas tão diferentes – ainda que estruturalmente bastante semelhantes – como representativas do Brasil. Esse gesto, de colocar tais romances como textos-chave para entender a dinâmica social do Brasil, diz mais acerca dos críticos – seus valores e visões de mundo – do que propriamente do Brasil. Ou melhor, graças ao investimento de cada crítico na obra estudada e tomada como medida para entender nossa sociedade, aprendemos mais sobre a subjetividade do crítico, e justapondo uma análise ou outra, ganhamos uma visão mais matizada e ambígua do Brasil.

Em seu livro *Duas meninas*, de 1997, Roberto Schwarz retoma, ainda que tangencialmente, seus comentários sobre “Dialética da malandragem”. Argumenta que o romance de Manuel Antonio de Almeida nos dava uma visão parcial e simpaticíssima do país, “obtida graças ao sumiço providencial dado tanto em sua elite como na sua forma básica de produção [a escravidão]”.<sup>\*</sup> Ainda que não fale com todas as palavras, Schwarz põe discretamente reparo no alcance da representatividade da “Dialética da malandragem” para explicar nosso jogo social. É importante ressaltar que Candido, no próprio estudo sobre a dialética da malandragem, assinala a supressão das classes dirigentes e dos escravos, apenas para apontar que, analisado sob o ângulo de documentário, o alcance do romance seria restrito. O que não impede Candido de considerar *Memórias de um sargento de milícias* um “romance profundamente social, pois, não por ser documentário, mas por ser construído segundo o ritmo geral da sociedade, vista através de um dos seus setores”.<sup>\*</sup> Em nenhum momento

\* (SCHWARZ, Roberto. *Duas meninas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997: 134.)

\* (CANDIDO, Antonio. “Dialética da malandragem”. *O discurso e a cidade*, op. cit.: 45, grifos meus.)

Candido considera o romance menos representativo (ou profundamente social) porque o autor havia suprimido daquela ficção as elites e os escravos. Ainda que o enredo se desenvolva num setor específico da sociedade, a força do romance estaria na maneira como seria capaz de captar “o ritmo geral da sociedade”.

A abordagem de Candido está assentada num valor que orienta a sua atuação como intelectual desde a época em que era professor de sociologia: a ideia de que a verdade de uma sociedade está nas suas camadas subalternas. Para Candido, um dos grandes méritos das Ciências Sociais da USP havia sido o ênfase dada a “grupos até então menos estudados, ou estudados com ilusões deformadoras: além do negro, o índio, o trabalhador rural, o operário, o pobre”.<sup>\*</sup> A própria tese de doutoramento de Candido, em sociologia, versa sobre o caipira, o que mostra o quanto Candido havia abraçado a disposição de estudar figuras subalternas, tradicionalmente excluídas dos estudos sobre a realidade brasileira.<sup>11</sup> As elites brasileiras, por sua vez, eram apenas capazes de produzir conhecimento turvo e deformado acerca do processo social. Em “Dialética da malandragem”, essa deformação epistemológica pode ser encontrada nos romances coetâneos de *Memórias de um sargento de milícias*. Candido identifica na literatura brasileira do século 19 um “gosto acentuado pelos símbolos repressivos, que parecem dominar a eclosão dos impulsos”.<sup>\*</sup> Os personagens dos romances alencarinos, para ficarmos com os exemplos dados por Candido, seriam a encarnação dessa excessiva contenção dos sentidos. A naturalidade dos sentimentos e a espontaneidade da ação caracterizavam exclusivamente os vilões. Os heróis alencarinos se definiam sempre pela renúncia, pelo sacrifício e pela autoimolação. Muito diferente do mundo ficcional construído por Manuel Antonio de Almeida, “livre de culpabilidade e remorso, de repressão e sanções interiores”.<sup>\*</sup> A diferença entre os romances de Alencar e Almeida estaria radicado nas perspectivas que adotam: de um lado, Alencar, membro da elite brasileira, tenta incutir um senso de ordem e hierarquia no jovem (e para ele, bárbaro) país; doutro lado, Almeida, mais alinhado com

<sup>\*</sup> (CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite*. São Paulo: Ática, 1989: 191.)

<sup>\*</sup> (CANDIDO, Antonio. “Dialética da malandragem”. *O discurso e a cidade*, op. cit.: 49.)

<sup>\*</sup> (*Ibidem*: 50.)

<sup>11</sup> Luiz Carlos Jackson realizou o estudo mais completo sobre a tese de doutoramento de Antonio Candido, *Parceiros do rio bonito*, examinando com grande faturação de documentos e depoimentos a escolha de Candido em estudar as figuras mais subalternas da sociedade brasileira. Cf. JACKSON, Luiz Carlos. *A tradição esquecida: os Parceiros do rio bonito e a sociologia de Antonio Candido*. Belo Horizonte: UFMG, 2002.



a ótica popular, enaltece, ainda que discretamente, o espírito flexível e reversível dos arranjos societários do Rio de Janeiro joanino. Candido conclui:

Graças a isso, [o romance de Manuel Antonio de Almeida] diverge do superego habitual de nossa novelística, efetua uma espécie de *desmistificação* que o aproxima das *formas espontâneas* da vida social, articulando-se com elas de modo mais fundo.\*

\* (Ibidem: idem, grifos meus.)

Distante das turvas visões produzidas pelas elites literária e social do Brasil, Almeida desmistificava a descrição do povo brasileiro, auscultando com maior acuidade a dicção popular e suas configurações sociais.

Bem distinta é a epistemologia literária de Roberto Schwarz. Em certo sentido, pode-se dizer que a abordagem de Schwarz rompe com esse tradicional esquema analítico da esquerda que identifica a visão objetiva do processo social com o proletário, e as brumas turvas e falsas do impressionismo à ideologia dos burgueses.

Não seria exagero afirmar que o estudo social da forma literária do romance machadiano levado a cabo por Roberto Schwarz foi um ponto de inflexão na crítica ideológica de inspiração marxista. Até então, tal crítica associava o discurso das classes dominantes à falsa consciência acerca do processo social. O artigo “Dialética da malandragem”, por exemplo, é representativo desse paradigma: os conservadores oferecem uma visão deturpada e interessada da realidade (ficção normativa de Alencar); enquanto intelectuais progressistas, por estarem aliados às classes populares, conseguiriam se aproximar de um retrato mais objetivo do processo social (Almeida). O grande salto de Roberto Schwarz é levar a sério e de modo dialético a “falsa consciência” dos poderosos. Analisando a contrapelo esse discurso dominante, Schwarz identifica e denuncia certas verdades latentes mas não-ditas dentro do próprio discurso das classes senhoriais no Brasil. Esse é o caso de Brás Cubas, narrador das *Memórias póstumas*. Schwarz mostra com grande sutileza como Machado de Assis faz da voz de Brás Cubas um instrumento analítico que desnuda as prerrogativas de classe por trás da retórica universalizante do narrador. A verdade de uma sociedade também poderia ser encontrada nas suas elites. Uma verdade que nada teria a ver com a confiança no progresso conduzido pelas camadas populares – como no caso de Candido –, mas com a desfaçatez de uma elite que aposta no atraso social como forma de inserção na modernidade.

A visão de futuro que Candido e Schwarz desenhavam para a sociedade brasileira não poderia ser mais oposta uma da outra. Em “Dialética da malandragem”, Candido identifica na “irreverência e [n]a amoralidade de certas expressões populares” uma vantagem para “a nossa inserção num mundo eventualmente aberto”.<sup>\*</sup> Anos depois, em artigo escrito um dias após o segundo turno das eleições presidenciais de 2002, Candido afirma que a vitória de Lula representava a concretização de uma utopia que ele havia cultivado, juntamente com seus companheiros da Esquerda Democrática da década de 1940, de que a força transformadora do país estaria “na junção dos setores radicais da classe média com o operariado e o campesinato”.<sup>\*</sup> Antonio Candido parece não perder a fé na capacidade reformadora do povo brasileiro. Roberto Schwarz, por sua vez, em artigo publicado em 1999, em *Sequências brasileiras*, apresenta um prognóstico sombrio – carregado de tintas frankfurtianas – acerca da sociedade brasileira: “A nação não vai se formar, as suas partes vão se desligar umas das outras, o setor ‘avançado’ da sociedade brasileira já se integrou à dinâmica mais moderna da ordem internacional e deixará cair o resto”.<sup>\*</sup>

<sup>\*</sup> (Ibidem: idem.)

<sup>\*</sup> (CANDIDO, Antonio. “Um presidente, muita esperança”. *Folha de S. Paulo*, 28 out 2002: 3)

<sup>\*</sup> (SCHWARZ, Roberto. *Sequências brasileiras*, op. cit.: 57.)

## Conclusão

Se Candido e Schwarz são avatares de um método crítico que aposta na capacidade da literatura oferecer conhecimento agudo e contra-intuitivo sobre a sociedade, o que pensar da obra desses dois críticos, que não obstante a concordância metodológica, parecem chegar a conclusões tão díspares acerca da sociedade brasileira?

Se minha hipótese de trabalho estiver correta – Schwarz e Candido detêm visões bastante distintas sobre a sociedade brasileira –, creio que tal achado mostra uma substantiva fragilidade em uma dimensão do método crítico que une os dois autores: a crença numa certa objetividade da crítica literária. Por objetividade, eu me refiro ao esforço frequente de remover a subjetividade da crítica.

Luiz Costa Lima foi o primeiro estudioso a apontar para essa característica da obra de Antonio Candido, num ensaio sobre *Formação da literatura brasileira*. Costa Lima chama atenção para o tom eminentemente descritivo da narrativa empreendida por Candido, criando assim uma “aparência de mera e neutra referência, que oculta o endosso ou a presença de vozes ali associadas”.<sup>\*</sup> Algo semelhante pode ser encontrado no projeto crítico de Roberto

<sup>\*</sup> (LIMA, Luiz Costa. “Concepção de história literária na *Formação*”. *Pensando nos trópicos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991: 165.)

\* (SCHWARZ, Roberto. *Martinha versus Lucrécia*, op. cit.: 291.)

Schwarz, com sua noção de *forma objetiva*. Elaborando sobre tal conceito, Schwarz afirma que “o trabalho de configuração artística tem uma disciplina própria, que lhe permite superar as convicções, as teorias e os horizontes do autor”.\* Para Schwarz, o bom crítico (dialético) seria aquele capaz de mobilizar conhecimentos normalmente segregados pela divisão intelectual do trabalho para construir o nexo entre configuração literária e processo social objetivo. Tanto Schwarz como Candido concordam que a análise literária deve ter o exame rigoroso do texto como ponto-de-partida, e que a melhor crítica é aquela que consegue posicionar a obra de tal modo que ela consiga comunicar sua verdade objetiva, independente dos posicionamentos ideológicos da figura empírica de seu autor.

Tal concepção objetivista de método crítico oblitera o investimento subjetivo do crítico no seu trabalho, que é o aspecto que procurei destacar ao longo do artigo. Ao elidir o subjetivo, talvez percamos uma das dimensões mais interessantes da literatura: a capacidade de mobilizar conhecimento e paixão no afã de preencher as suas lacunas. É importante, no entanto, frisar que a crítica ao objetivismo crítico não representa uma defesa do subjetivismo. Literatura é comunicação. Em outras palavras, a literatura não é, apenas, a estrutura de mecanismos formais, nem pode ser reduzida à mera reação impressionista dos leitores. Ela é o imbricamento de uma arquitetura formal sofisticada com o empenho crítico-imaginativo de leitores como Antonio Candido e Roberto Schwarz para dar sentido a tal arquitetura. É nesse encontro entre forma e interesse que habita o literário. Apagar o interesse, a paixão, a visão que temos do mundo e da sociedade brasileira na hora de lermos obras literárias é, sem dúvida, mutilar a compreensão do fenômeno literário em sua inteireza.

**Alfredo César Barbosa de Melo** é Professor Doutor do Departamento de Teoria e História Literária da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). De 2008 a 2013 foi professor doutor [Assistant Professor - Tenure Track] da Universidade de Chicago (EUA). Formou-se em ciências sociais pela Universidade Federal de Pernambuco, em 2001, e obteve seu mestrado e doutorado em literatura hispânica na Universidade da Califórnia, em Berkeley (EUA). Sua tese de doutoramento teve como tema a relação entre romance experimental brasileiro (*Macunaíma*, *Grande Sertão: Veredas* e *A hora da estrela*) e a representação do povo. Interessa-se por: romance experimental, ensaísmo brasileiro, política da memória, estudos pós-coloniais, metáforas de negociação cultural (antropofagia, “transculturación”), comparações entre ensaísmo brasileiro e latino-americano e as relações do Brasil no mundo cultural lusófono. E-mail: <melo@iel.unicamp.br>.

Recebido em:  
01/12/2013

Aprovado em:  
15/04/2014